

Animal, humano, transhumano, deus: reflexões po‘éticas’ sobre evolução e ecologia humana

Lugori¹

“No princípio criou Deus o céu e a terra. [...] ‘e’ o homem à sua imagem. ”
(Gênesis 1:1 - 1:27)

“O homem é algo a ser superado. ”
(Nietzsche)

Cresci ouvindo os outros dizerem que somos todos filhos de Deus. Também penso assim. Mas hoje, depois de “endurecer o pescoço”, como dizia minha mãe quando eu deixava de fazer as coisas que fazia na inocência e sem questionamentos, vejo, quer dizer, tento ver o mundo para além dos olhos dos outros. E, mais além ainda, para aquilo nos contam e como nos contam. E, claro, me pergunto sempre sobre isso e sobre aquilo. Para mim, sem querer ser devoto do ceticismo, tudo, absolutamente tudo, é passivo de dúvida. Fomos inventados desde o início dos tempos.

O “homem”, assim como nos chama, é uma invenção, seja do Criador Único, seja da fé de cada povo, seja da ciência, seja da Natureza, seja do inventor da palavra *homo* e das suas classificações arbitrárias, seja de si mesmo, um tipo de autocriação. Dito isso, e antes de prosseguir caminho, quero deixar alertado que eu não sou ateu tampouco “cientista”, refiro-me deste modo antes que eu caia na infâmia alheia, pois sei que esse abismo é tão certo quanto a morte do meu corpo.

Nas leituras que andei fazendo ao longo da vida tenho encontrado muita coisa interessante que apontam os possíveis “meios” pelos quais surgimos. Em qual deles eu acredito? Ainda não sei, talvez seja cedo demais para tomar parte, apesar dos milhões de anos que nos dão desde o nosso

¹ Ecólogo em formação, animal em evolução, humano em transição, *Homo Lugori*.

surgimento. Onomatopeia, bum, *Big Bang*², singularidade³, bactéria. E “antes” de disso? Tudo vazio? O que existia antes de tudo? Não acho que viemos do nada, mas também não bato o martelo de que fomos modelados à mão e que um sopro nos deu vida. Por ora, prefiro o fascínio do mistério. Não quero colocar aqui em disputa, como já fizeram antes, religião e ciência, evolucionismo e criacionismo, pois nesse campo não há juiz imparcial. É um testilha épica! No entanto, quero refleti sobre o que se tem dito nesses espaços, que fazem sentido e que são plausíveis de admiração.

Nas ciências biológicas, no clássico exemplo das girafas de pescoço pequeno e de pescoço grande, aprendi, nas aulas sobre evolução, duas leis associadas a Lamarck, a “da herança dos caracteres adquiridos” e a “do uso e desuso”, além da famosa lei de Darwin sobre a “seleção natural” e a questão da “ancestralidade comum”. Pois bem, essas teorias evolutivas dialogaram entre si, se derrogaram, se complementaram e elucidaram (e colocaram outras interrogações também) sobre o assunto.

Para Harari, “a beleza da teoria de Darwin é que ela não precisa pressupor a existência de um criador inteligente para explicar como as girafas acabaram tendo pescoço cumprido”⁴. Design inteligente⁵? Falem sobre tudo, sobre todas teorias possíveis e impossíveis, deixem as crianças acreditarem no que quiserem. Razão, fé, loucura.

Enfim, “*sobrevive o que melhor se adapta às mudanças?*”. Essa pergunta não é uma dúvida darwiniana, é uma afirmação de professor Megginson⁶, mas que cabe no contexto, assim como cabe nas lições, sobre A

² Teoria sobre desenvolvimento inicial do universo.

³ Os físicos definem o Big Bang como uma singularidade. É um ponto de partida e não faz sentido dizer que existiu algo antes.

⁴ Harari, autor de *Uma breve história da humanidade*, p. 408;

⁵ Hipótese sobre a origem do universo.

⁶ Adaptação da frase proferida por Leon C. Megginson, professor da Louisiana State University, num discurso em 1963, onde apresenta a sua interpretação da ideia central de "A Origem das Espécies" de Charles Darwin.

Saga da Humanidade, de Walter Neves, especialista em macroevolução humana, que, com réplicas de crânios por cima da mesa, não de concordar com a ideia do ancestral comum. Sim, “nós somos um grande macaco”. E o chimpanzé é “geneticamente nosso parente mais próximo no planeta”. Evoluímos do mesmo animal avito.

Parece blasfêmico dizer isso. Talvez o sopro no barro e a costela de Adão toem mais bucólico e bíblico do que revelar, para o dissabor de muitos, que viemos dos macacos. E mais que isso, ainda somos um macaco, porém em declínio intelectual, mais artificial, menos humano, mais máquina e mais animal do que outrora.

Revolução criativa. Sabidos? Como, se sequer sabemos responder perguntas sobre nós mesmos e sobre nossos desejos? Para Marques⁷, “nós somos uma espécie, sobretudo, que não sabe” e esse título de Sapiens “pressupõe um animal que sabe em detrimento de outros animais e vegetais que não sabem, quando, na verdade, hoje nós sabemos que os outros animais sabem, sentem e pensam”.

Um animal racional, um humano animal, animalização do homem, humanização do animal, animalidade, humanidade, razão, desrazão, quantos termos mais, entre o homem e o animal, serão necessários para explicar essa relação, essa distinção, essa ponte, a linguagem, O Aberto⁸ entre as espécies?

“O que nos torna humanos?”. O que é o homem para o macaco? Diria Zarathustra que seria “uma irrisão ou uma dolorosa vergonha” como pensa o atual homem sobre os seus antecessores?⁹ Estaria o futuro embutido no passado, nas profecias de Laplace¹⁰, como menciona Nicolelis quando fala sobre os efeitos da automação do cérebro humano? Involução? É mesmo

⁷ Juracy Marques, mente brilhante da Ecologia Humana.

⁸ Insperido no debate entre Juracy Marques e André Souza sobre o livro de Giorgio Agamben.

⁹ Trecho de *Assim Falou Zarathustra*, de Nietzsche, pag. 13.

¹⁰ Pierre-Simon Laplace, autor do Demônio de Laplace, experimento para revelar o futuro.

(im)possível prever o futuro do comportamento humano? *Übermensch*, Super-Humano, Homem Digital, Homo Deus? O que seremos depois de nós, afinal?

E as perguntas, tão ou mais importantes do que as respostas, poderiam conduzir o restante deste texto. Certamente não o empobreceria, uma vez que, discutir a ecologia humana exige de quem se propõe a fazê-lo, mais do que o bipedalismo e, além de conhecer sobre átomos, precisa-se compreender também os novos ecossistemas, sobretudo os dos algoritmos que, hoje, “coordenam as cenas e as atividades humanas totais”¹¹, desde biológicas até as psíquicas e espirituais, deslocando-se da ecologia dos animais e das plantas para a ecologia dos humanos e das “máquinas humanas”.

Flintstones, Jetsons, abraços biônicos, Frankenteins, cyborgs, robocops, desejo futurista dos *Sapiens*, “deuses por mérito próprio”¹², animais transgênicos, ratos com orelhas nas costas, Alba fluorescente¹³, o Antropoceno¹⁴, mudança, sem precedentes, da ecologia global. Revolução ou involução ecológica?

Mas, o que seria essa ecologia, especialmente, a dita humana (ou maldita “desumana”)? Porque na ecologia, seja ela qual for, não se tem apenas resultados positivos. Também se faz necessário buscar entender que nos ambientes naturais ou artificiais, orgânicos ou digitais, nem tudo que se pratica e que neles acontecem é sustentável e ético. Por isso, a ecologia necessita reinventar-se, ciclicamente, para que o seu reflexo e o seu amplexo incluam todos e todos.

¹¹ Juracy Marque. De Macacos a Deuses: A ecologia das máquinas humanas e o futuro da humanidade. In: Ecologia Transhumana.

¹² Harari sobre a irresponsabilidade e dos humanos, deuses insatisfeitos, em *Sapiens*, p. 428.

¹³ Coelba Alba do bioartista brasileiro Eduardo Kac.

¹⁴ A era da humanidade.

A professora Iva Miranda Pires, durante os *Ciclos de conversas sobre Ecologia Humana*, da SABEH¹⁵, disse que o grande desafio é encontrar respostas sobre o que é a Ecologia Humana, e que seria “mais fácil dizer aquilo que ela não é”, portanto, “não é uma ciência da forma como entendemos outras ciências”. O que seria, então? Ou que não seria? Mais perguntas! Realmente, “a ecologia humana é muito complexa para ser compreendida prontamente¹⁶”. Biosfera, sociosfera, espiritosfera.

Nesse emaranhado conceitual, Pires e Craveiro defendem que a Ecologia Humana vai além de uma especialização da ecologia dos moldes tradicionais e a definem como uma nova ciência que dialoga com sistemas sociais e naturais. No mesmo artigo, os autores destacam a sua pluridisciplinaridade no estudo das comunidades humanas, bem como a sua propensão em ultrapassar as barreiras epistemológicas, destacando o seu envolvimento nas questões da ética ambiental.

Ruptura? Criatura? Gosto, particularmente, da ideia de ciência da transcendência, que respeita suas bases originárias, que dialoga com outras ciências, mas que não se deixa ser apreendida nem alcançada em sua plenitude. Que percorre caminhos diferentes, por ser diferente mesmo, que transforma e é transformada, que abarca os planos natural e espiritual, humano e social, ambiental e cultural, que é muito para depois ser tonar mais ainda para vida; ética, eclética, técnica, dialética e também poética; lógica, axiológica, dialógica e também epistemológica. A ecologia humana, quiçá, será a ciência que salvará o mundo do caos e das garras do próprio homem.

“A gente não pode perder o encanto que há um princípio criador de tudo.”

(Juracy Marques)

¹⁵ Debates organizados pela Sociedade Brasileira de Ecologia Humana.

¹⁶ Kormondy & Brown, em *Ecologia Humana*, p. 428.